

cias, e, francamentê, melhor fôra que, dispensando-se todo esse aparatoso e deslocado ambiente, antiquadissimo em arte e limitadissimo em utilidade, naquela instituição se cuidasse de viver bem dentro do *momento actual*, sentindo as questões artisticas e sociaes do nosso tempo. A supremacia da intelligencia — a unica supremacia foieravel — não se consegue com um decreto ministerial: mas, tambem, não dispensa aquella conjugação de esforços e entendimento de valores que, só por egoismo indecoroso ou preguiça inqualificavel, ainda não foram realísados em Portugal.

Julião Quintinha.

Dos novos livros

Parem lá de escrever, senhores!

Se ainda se faz literatura é porque as 25 letras do alfabeto se prestam a inumeras combinações de palavras, as quaes por sua vez se sujeitam a infinitas combinações de frases. E é lamentavel esta inaudita elasticidade do alfabeto! Não fosse ela, e nós veriamos se os prélos andariam continuamente a gemer, na afflictiva multiplicação de partos literarios que não acrescentam uma ideia nova, uma nota inédita de bejeza, de pensamento ou de fórma ao himalaesco peculio acumulado nos milhões de prateleiras das bibliotecas de todo o mundo.

Nihil novi sub sole...

Eu não garanto que o proloquio latino esteja certo em relação a tudo quanto existe debaixo do sol — ou debaixo do solo, como já vi traduzido por um doutor literato pela Universidade de Filadelfia. Talvez que depois que o filosofo escreveu a sua sentença já tenham surgido inumeras novidades nos dominios das variadissimas artes, sciencias, profissões e officios da humanidade, desde a aviação á arte de furtar, desde a culinaria á coreografia.

O vôo sem motor pode ser tão imprevisto como o *jazz-band*. Mas na literatura, senhores — por amor de Deus! — não se cansem que não encontram nada novo. Os cilindros de zinco das rotativas são como os cilindros de pedra das estradas: andam ha seculos a moer o mesmo cascalho. Os conflictos e paixões da alma humana, para os romancistas, confinaram-se nas eternas 36 situações dramaticas de Polti. Não ha meio de lhes arrancar mais uma. A face do Cosmos, para os devaneios dos poetas, cristallisou n'uma rigidez de mumia. São sempre os mesmos soes, os mesmos perfumes, os mesmos crepusculos, as mesmas ondas, as mesmas flores. Nem sequer apparece um planeta novo, para que os vates merencoreos deixem de comparar os olhos das madamas com o sol ou com as estrelas... De sorte que, estando tudo prescrutado, devassado, interpretndo, espiolhado, os literatos de hoje já não encontram nada novo para dizer. Resta-lhes o recurso da *fôrma*, do qual se socorrem para engendrar roupagens viradas, debaixo das quaes se descobrem sempre as mesmas ideias, como debaixo das indumentarias do Castelo Branco se descobrem sempre as mesmas coristas.

Sucedem-se os livros nas montras dos livreiros. Peguem no mais original de todos e descarnem-no. Depois deitem abaixo as prateleiras e confrontem. O pensamento mais profundo, o conceito mais brilhante, a imagem mais linda; em pergaminho ou em papel do Prado; em portuguez ou em chinez; em S. Lucas ou no Amador Arrais; em Nietzsche ou no José Daniel, do *Almocreve das Petas* — ela, a ideia, a frase, a imagem, a observação filosofica lá se encontrará alapardada e poeirenta, braza mortíça afogada em cinzas, que só espera que a assoprem para derramar luz e calor.

O cronista não está aqui a acusar ninguem de plagiarrio. Ninguem rouba. E' que está tudo escrito, e já não ha vida humana que chegue para ler tudo quanto ha de belo na mais pequena biblioteca do mundo.

Párem lá de escrever, senhores! Ou então escrevam pouco, pouquissimo, procurem condensar e criar, façam literatura como os perfumistas fazem perfumes, — meten-

do uma esmagadora tonelada de flores n'uma subiil, estonteante, quasi imponderavel gota de agua.

«Do meu ermo — Cartas» — de Gastão de Bettencourt

Não entendo como se intitula *do ermo* um livro que o autor destinou a dar a um amigo, em forma de cartas, noticias *do bulicio atordoador da capital*. Ele lá sabe.

Certo é que basta ler quatro paginas do *Meu ermo* para se descobrir um escritor prodigiosamente feliz. O sr. Gastão de Bettencourt não é ambicioso nem exigente. Põe a caneta a lavrar sobre o papel e tudo quanto d'ela lhe sae lhe cheira a *impressões de beleza*. A felicidade perfeita consiste em cada qual se contentar com o que tem. O sr. Bettencourt é feliz.

Na primeira carta, viaja de trem entre o Calhariz e Azeitão. A Natureza sorri-lhe, em volta. Ele descreve-a como se fosse o primeiro homem que tivesse a felicidade de a ver. E diz-nos miudamente que ao ruido do trem *as borboletas despertavam do seu letargo e as aves assustadas cortavam o ar*; extasia-se ante o *chilrear das avesinhas*; declara-se-nos ternamente consolado com o *perfume do bucho verdejante*, que não é afinal o bucho das sobreditas avesinhas, tambem conhecido pelo nome de moela, mas sim o «*buxus sempervirens mana*», muito usado entre nós nas bordaduras dos jardins; e quando *o sol ia a extinguir-se, quando farrapos vermelhos morriam pouco a pouco*, e quando *o crepusculo tambem pouco a pouco povoava a terra* de sonhos, ele, o poeta, numa infinita tristeza poz-se a recitar versos de Teixeira de Pascoaes.

O sr. Gastão de Bettencourt mete depois a sua foice na politica, com a mesma originalidade minhoca de observação. *Este estado de coisas... os males que de longe veem... o paiz, soterrado nas ruinas da nacionalidade...* Exorcisma as novas ricas, indignadissimo contra os veludos caros e peles raras que elas envergam, e clama contra o Carnaval, *que é um can-can desostinado (?)*, impudico e macabro. Aqui se nos afigura o escritor um